

Terceira Parte

EXPERIÊNCIAS EM LINGUÍSTICA E PRÁTICAS
DE ENSINO DE LÍNGUAS

12

CAPÍTULO

OS SUBGÊNEROS DA CARTA PESSOAL EM CORRESPONDÊNCIAS PERNAMBUCANAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Aldeir Gomes da Silva

Valéria Severina Gomes

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A carta, hoje, não possui mais a representatividade comunicativa que possuía no passado, devido à substituição por formas de comunicação mais rápidas, como o *e-mail*, por exemplo. Apesar disso, ela é considerada um dos gêneros fundamentais às investigações linguísticas, sobretudo na perspectiva histórica da língua e do texto, uma vez que guarda as marcas das condições de produção de diferentes sincronias passadas. Ao longo da história, diversas relações têm sido estabelecidas através da carta e diversas finalidades são a ela atribuídas: a carta pode assumir o papel de um tratado de ciência (as cartas de Freud), de um relato

histórico-geográfico (a Carta de Pero Vaz de Caminha), de uma obra literária (as Cartas Portuguesas de Mariana Alcoforado), de uma solicitação de emprego ou um pedido de demissão etc. A própria Constituição Brasileira é uma carta (a Carta Magna). Por possuir várias naturezas, vertentes e finalidades, a carta pode se configurar como um hipergênero, uma vez que o rótulo “carta” adjetivado nomeia diferentes gêneros que ganharam autonomia (carta pessoal, carta administrativa, carta comercial etc.). Ligados por elementos comuns (MAINGUENEAU, 2006), que unem diferentes características e englobam uma variedade de gêneros afins (RAMOS, 2009), os gêneros apresentam alguma afinidade em virtude da raiz comum e alguma especificidade em virtude das particularidades de cada universo discursivo (SCHLIEBEN-LANGE, 1983) em que circula.

Os estudos acerca da carta (ou dos gêneros epistolares) são antigos, com séculos de investigações e questionamentos (BELTRÁN ALMERÍA, 1996). Pessoa (2002, p. 197), por exemplo, salienta a importância do estudo da “evolução desse gênero textual, a sua função em diferentes épocas e seu papel no desenvolvimento de outros gêneros”. Concebida como gênero mãe, a carta, no universo discursivo do jornalismo, foi o ponto de partida para as cartas de leitor e as cartas do redator (o editorial), pois, de acordo com Rizzini (1968), as cartas ocupavam o lugar do jornal. No universo discursivo da literatura, a missiva também pode, em alguns casos, ser considerada no limite entre os gêneros literários e cotidianos. A diferença entre uma carta pessoal e uma carta literária, por vezes, é muito tênue. De acordo com os estudos de Guillén (1991), isso se deve à aproximação retórica da carta. De tal maneira, a carta é um gênero que perpassa diferentes universos discursivos, a exemplo da carta no domínio pessoal (cartas de família, de amor), no domínio jornalístico (carta do leitor, carta do redator) e no domínio comercial (carta de referência, memorando).

Neste capítulo, vamos nos deter à carta pessoal, forma de comunicação influenciada por características informais e espontâneas, por isso, muito apreciada nos estudos linguísticos para a composição de um *corpus* histórico (COSTA, 2012). As cartas pessoais são essencialmente marcadas pela espontaneidade, proximidade comunicativa e por diferentes níveis de intimidade entre remetente e destinatário (SOUZA, 2012). Novaes (2006, p. 5) encara este gênero como uma forma de comunicação essencialmente pessoal, uma correspondência que efetiva um contato privado e, quase sempre, constante entre familiares e amigos íntimos, pessoas que mantêm um relacionamento estreito.

Sendo assim, a relação entre os interlocutores de uma carta pessoal (pai e filho; filha e mãe; marido e esposa; amigos etc.) implicará no conteúdo temático das missivas, tornando-se um dos fatores determinantes para que se perceba que há finalidades comunicativas específicas e também elementos linguístico-discursivos específicos em uma determinada carta que não se encontrará em outra,

mesmo dentro de um mesmo agrupamento rotulado como “carta pessoal”.com base nos estudos de Silva (2002), que analisa o funcionamento sociocomunicativo das cartas pessoais, e de Souza (2012), que propõe subcategorias ao gênero, temos por objetivos identificar os elementos constitutivos que especificam os subgêneros e caracterizar dois dos principais subgêneros da carta pessoal: a carta de amigo e a carta de família.

Este trabalho insere-se na tradição de estudos que envolvem a historicidade do texto e da língua. Ao adotar esse ponto de vista para a abordagem da carta pessoal, o conceito de Tradição Discursiva (KOCH, 1997, 1998; OESTERREICHER, 1997, 2006; KABATEK, 2003, 2006; LONGHIN, 2014) torna-se indispensável, uma vez que está relacionado ao entendimento do texto como ação linguística e instrumento de ação comunicativa e à recorrência de um texto, forma textual, ou maneira *sui generis*, oral ou escrita, que evoca uma determinada constelação discursiva (KABATEK, 2006, p. 512). Nessa perspectiva, as Tradições Discursivas estão intrinsecamente ligadas às tradições históricas do falar, que valem para cada uma das comunidades linguísticas que se formaram historicamente (COSERIU, 1979). Tradição Discursiva (doravante TD) constitui, na verdade, “uma tradição cultural e linguística, que se manifesta repetidamente no tempo e no espaço” (LONGHIN, 2014, p. 17).

O *corpus* para a análise é constituído por 16 cartas pessoais, de sete escreventes pernambucanos, produzidas no ou destinadas ao estado de Pernambuco na primeira metade do século XX. As correspondências inserem-se em dois dos subgêneros propostos por Souza (2012, p. 114): carta de amigo e carta de família. As missivas analisadas foram coletadas por Gomes (2014) e fazem parte do projeto *Formas tratamentais em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX: uma interface entre tradição discursiva e sociolinguística história*. O material coletado foi transcrito segundo os parâmetros sugeridos por Guedes e Berlink (2000). Para melhor sistematização, reunimos o *corpus* da seguinte maneira: cartas 1 a 8 – cartas de amigo e cartas 9 a 16 – cartas de família. A discussão dos dados obtidos nesta análise qualitativa está fundamentada na sociolinguística histórica com base nos aspectos internos e externos, a exemplo do perfil social dos informantes (CONDE SILVESTRE, 2007).

O perfil diversificado dos escreventes, bem como os distintos propósitos das cartas, nos ajuda na identificação das particularidades de cada subgênero e no reconhecimento dos tipos de relação estabelecida, com base nos parâmetros de poder e solidariedade, propostos por Brown e Gilman (1960). Esses parâmetros, revisitados por Lopes e Gomes (2016), estabelecem três tipos de relações evidenciadas nas cartas pessoais: relações assimétricas ascendentes (carta de filho para a mãe); assimétricas descendentes (carta de pai para filha); e relações simétricas (cartas entre os componentes de um casal).

Os pontos aqui discutidos têm início com a análise dos traços de mudança e permanência dos elementos composicionais dos subgêneros da carta pessoal, considerando a natureza do gênero e o conceito de Tradição Discursiva. Em seguida, buscamos identificar os traços linguístico-discursivos empregados, considerando o perfil dos escreventes e as relações estabelecidas entre eles. Prosseguimos a discussão com a abordagem e a verificação da existência de traços linguístico-discursivos que caracterizam os subgêneros da carta pessoal que compõem o *corpus* analisado. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS E OS GÊNEROS DISCURSIVOS

O conceito de Tradição Discursiva tem se mostrado bastante proveitoso para as análises que enveredam pelo viés da historicidade da língua e dos textos desenvolveu-se a partir dos estudos de Coseriu, que propôs três níveis de atividade linguística, dos quais, o nível histórico corresponde aos estudos da historicidade da língua. Peter Koch (1997) sugere a duplicação do nível histórico do modelo de Coseriu, situando, de um lado, as línguas históricas e, de outro lado, as tradições de textos ou tradições discursivas dessa forma, Koch considera a historicidade da língua e a historicidade do texto nas atividades comunicativas de acordo com Longhin (2014), as tradições discursivas são modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que fazem parte da memória cultural de uma comunidade.

Oesterreicher (1997) é um dos autores que se debruçaram sobre esse modelo de análise explica que os textos, em seus meios e concepções fônicos e escritos, apresentam um *continuum* de variações, tendo, então, as TDs “um caráter móvel”. O mesmo autor (1997) sugere que as TDs constituem, juntamente com a língua, um filtro que parte de uma finalidade comunicativa até o ato comunicativo. Sobre essa consideração de Oesterreicher, Kabatek (2003) afirma que, desse modo, as TDs “compartilham a mesma historicidade do que as línguas”. Em outras palavras, consistem em historicidades diferentes, porém complementares.

Koch e Oesterreicher (2007) afirmam que as formas comunicativas apresentam-se sob o meio gráfico e fônico e que elas se estabelecem num *continuum* cujas extremidades são compostas pela proximidade ou pela distância comunicativas. Os textos de concepção falada e meio fônico possuem, dessa forma, mais proximidade comunicativa, sendo opostos aos textos de concepção escrita e meio gráfico, que se encontram na distância comunicativa. Este *continuum* proposto vai, então, da oralidade à escrituralidade ou vice-versa. Localizamos a carta pessoal como fruto da concepção falada e do meio de realização gráfico.

Costa (2012, p. 148) afirma que “o lugar das tradições discursivas na teoria linguística está inevitavelmente ligado ao próprio conceito de texto”. Assim sendo, compreendemos que todo texto é um tipo de ação linguística, que se concretiza em um gênero, e as TDs abrangem distintos graus de abstração e complexidade de modelos textuais, ou seja, das dimensões mais pontuais como uma saudação (Bom dia) às dimensões mais amplas como uma carta de amigo. Segundo Koch (1998, p. 14), todo discurso está situado em determinadas tradições históricas:

De um lado, na tradição de uma dada língua particular (ou variedade linguística), de outro, em determinada tradição discursiva. Esse último termo diz que todo discurso é exemplar de algum gênero literário, gênero textual ou forma conversacional, apresenta traços de uma determinada orientação estilística, serve para execução de atos de fala marcados historicamente etc.

Desse modo, os estudos de Koch (1998) a respeito de tradições discursivas vêm ao encontro das investigações de Todorov (1980, *apud* PESSOA, 2002), que assevera que cada gênero “é sempre uma transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação”. Os gêneros estão intrinsecamente articulados com as práticas sociais, aspectos cognitivos, interesses, relações de poder, tecnologias, atividades discursivas e culturais. Marcuschi (2011, p. 19) diz que “eles (os gêneros) mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”. Nesse sentido, além de ser uma rica fonte aos estudos da história das línguas, as cartas pessoais constituem um exemplo eficaz da relação existente entre tradições existentes e inovação no contexto sóciohistórico.

O HIPERGÊNERO CARTA E O GÊNERO CARTA PESSOAL

A respeito da abordagem dos gêneros do discurso, Bakhtin (2000) considera que esses “tipos relativamente estáveis de enunciados” auxiliam o desenvolvimento dos diferentes processos de comunicação. Faraco (2003 p. 112), sobre essa máxima bakhtiniana, afirma que o pensador russo “está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras”. As ideias de Bakhtin inserem essa temática em todas as atividades humanas. Outros autores revisitaram as teorias bakhtinianas, tanto para reavaliar seus conceitos, como para confirmar suas ideias. Marcuschi (2005, p. 18), por exemplo, faz uma afirmação contundente sobre esse assunto:

Existe uma grande diversidade de teorias de gêneros no momento atual, mas pode-se dizer que as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural.

Dentre os autores que exploraram o lado “relativo” dos gêneros, podemos destacar Maingueneau (2006), que argumenta que os rótulos podem exercer influência sobre os aspectos formais e de interpretação dos gêneros. Segundo ele, o uso dos rótulos é o que caracteriza os hipergêneros, exemplificando que a correspondência epistolar, por sua proximidade com o intercâmbio conversacional, permite formatar os mais diferentes conteúdos sob o mesmo rótulo (op. cit., p. 244).

Baseamo-nos, portanto, na concepção de hipergênero como um conceito mais abstrato e geral, como a carta que agrupa vários rótulos; o termo gênero é, então, tomado aqui para designar a carta pessoal, que abriga, de acordo com Souza (2012), três subgêneros fundamentais: cartas de amigo (troçadas entre amigos/colegas com maior ou menor nível de intimidade e parentes), cartas de família (correspondências produzidas entre membros da família nuclear) e cartas de amor (troçadas entre cônjuges, pretendentes, noivos etc.). Neste capítulo, pela necessidade de um recorte, trataremos apenas das cartas de família e de amigo.

Apoiamo-nos no pressuposto de que as classificações de um gênero são necessárias dentro do seu processo de análise, “entretanto não são definitivas e nem correspondem ao fim de uma abordagem” (GOMES, 2007, p. 106). Sob essa perspectiva, reconhecemos as cartas pessoais como um rótulo que agrupa outros subgêneros, numa variedade de formas de interação social. A caracterização das cartas como hipergênero se baseia no fato de que delas emergem, se ramificam e se multiplicam os diversos gêneros discursivos, como cartas de redator, cartas comerciais, cartas administrativas, cartas pessoais etc., “os quais exercem a sua função de acordo com as características de cada um e sua finalidade de intermediar a comunicação entre os usuários” (MELO e BRITO, 2010, p. 4).

Esse movimento de transformação e de autonomia dos gêneros vai formando o acervo textual, que Koch (1997, p. 14-16) pontua como filtros que pertencem à (i) inovação por diferenciação de tradições culturais; (ii) inovação por mistura de tradições culturais e (iii) inovação por convergência de tradições culturais, conforme representa a figura a seguir:

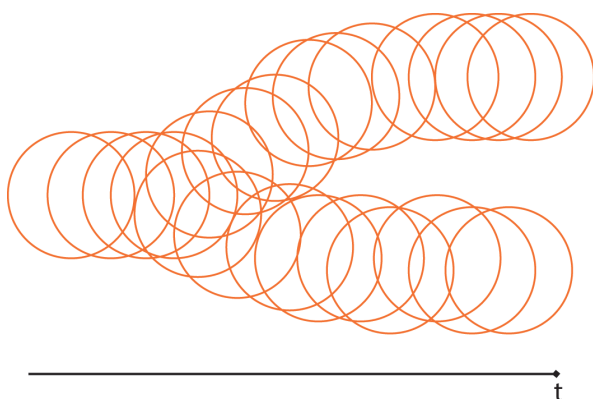


Figura 1: Diferenciação de tradições culturais.

Fonte: KOCH (1997, p. 15)

No que diz respeito aos traços característicos da carta pessoal, geralmente é uma tradição comunicativa carregada de subjetividade e que traduz a expressão pessoal do emissor. Este tipo de correspondência é especificamente utilizado na comunicação entre sujeitos que mantêm um vínculo de relacionamento; sua finalidade discursiva pode transitar por objetivos diversos – fazer um convite, prestar agradecimentos, relatar algum fato ocorrido, solicitar informações etc. Antes de partirmos para a análise da composição das cartas de amigo e de família, é importante conhecer o perfil sociohistórico dos escreventes e destinatários dessas cartas.

O PERFIL DOS ESCRIVENTES E DESTINATÁRIOS

As correspondências coletadas foram produzidas entres os anos de 1903 e 1941 e apresentam características semelhantes: cartas pessoais produzidas por pernambucanos (dentro ou fora do estado de Pernambuco) na primeira metade do século XX. Boa parte das missivas analisadas foi coletada na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife. Essa parte das missivas corresponde aos escreventes ilustres, com alto nível de letramento e escolaridade, mas há também correspondências escritas por seus familiares não ilustres.

Por meio do local, da data e do vocativo das cartas, é possível identificar informações essenciais acerca da natureza dos subgêneros da carta pessoal. Através das missivas “passamos a conhecer o entorno de quem as escreveu, sobre o local onde vivia, quando escreveu, além obviamente de podermos identificar as estratégias linguísticas utilizadas” (LOPES e GOMES, 2016, p. 5). As estratégias linguísticas empregadas expõem as variações linguísticas consoantes ao momento histórico, local, e perfil socioeconômico dos interlocutores, como também revelam atos linguísticos recorrentes e tradicionais, próprios da natureza do gênero, e não necessariamente da norma linguística vigente. Esses atos linguísticos recorrentes são tradições discursivas que constituem a tradição missivista, cujos escreventes e destinatários são os seguintes:

Breno Braga (cartas 1 e 9 – 1941)

Não foi possível encontrar muitas informações sobre o perfil de Breno Braga, apenas saber que ele foi major do Exército brasileiro e faleceu em 30 de março de 1992.

Carlos Alberto de Menezes (Carta 2 – 1904)

Foi um ilustre engenheiro civil e renomado líder católico nascido em Recife, no dia 15 de outubro de 1855 e falecido em 1 de novembro de 1904. Atuou no estado de Pernambuco, no final do século XIX. Destacou-se na arregimentação das forças católicas, particularmente no terreno social.

Arnaldo Guedes Pereira (Carta 3 – 1922 e Carta 4 – 1930)

Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Arnaldo Guedes nem dos autores que escreveram para ele, pois uma carta é assinada com o pseudônimo “Caramuru” e a outra é assinada com o prenome “Lourival” (acreditamos tratar-se da mesma pessoa), sendo, então, duas correspondências passivas.

Gilberto Freyre (Carta 5 – 1939 e Carta 8 – 1940)

Do acervo de Gilberto Freyre, sociólogo e escritor pernambucano, todas as cartas são passivas e foram escritas pelos seguintes missivistas: Jarbas Pernambucano de Melo, filho de Ulisses Pernambucano e primo do sociólogo Gilberto Freyre. O outro missivista é José Antônio Gonsalves de Mello Neto, que nasceu no Recife, em 16 de dezembro de 1916, é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e o maior especialista nos estudos do período holandês no Brasil.

Joaquim Nabuco (Carta 6 – 1904 e Carta 7 – 1903)

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu no Recife, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Mário Sette (Carta 10 – 1905 e Carta 11 – 1933)

Mário Sette nasceu no Recife, no dia 19 de abril de 1886. Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras e ao Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco. Foi professor de Filosofia do Colégio de São José do Recife (PE). Faleceu no Recife, no dia 25 de Março de 1950.

Arthur Orlando (Carta, 12 – 1911 e 13 – 1918)

Arthur Orlando da Silva, natural do Recife, nasceu em 29 de julho de 1858 e faleceu em 27 de março de 1916. Formou-se em Direito no Recife, atuando também na política e no jornalismo. Escreveu vários livros, entre eles *Filocrítica* (1886) e *Brasil: a terra e o homem* e foi eleito pela Academia Brasileira de Letras em 1907.

Manuel Borba (Carta 14 – 1923)

Manoel Antônio Pereira Borba nasceu no Engenho Paquevira, no município de Timbaúba, Pernambuco, no dia 19 de Março de 1864. No ano de 1883, ingressa na Faculdade de Direito do Recife. Durante o curso, dedicou-se à campanha abolicionista, ao lado de Martins Júnior e Maciel Pinheiro, e à campanha republicana, filiando-se ao partido Republicano.

Waldemar de Oliveira (Carta 15 – 1908 e Carta 16 – 1916)

Waldemar de Oliveira nasceu em Recife em 2 de maio de 1900 e faleceu em Recife em 18 de abril de 1977. Coursou medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, de 1917 a 1922, e Direito na Faculdade de Direito do Recife, onde se tornou bacharel em Direito em 1929. Foi um médico, escritor, teatrólogo e compositor pernambucano; um dos criadores do Teatro de Amadores de Pernambuco e participou da fundação da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

Mesmo com algumas informações incompletas, foi possível recuperar o perfil da maioria dos escreventes, o que traz à tona a máxima laboviana de fazer bom uso dos dados possíveis, sobretudo os distanciados pelo tempo. Sem dúvida, é fundamental o conhecimento do perfil social dos informantes, uma vez que tais dados contribuem para a análise dos elementos composicionais, dos recursos linguístico-discursivos empregados nas cartas e das tradições discursivas que compõem as missivas.

A CARTA PESSOAL E SEUS SUBGÊNEROS

De acordo com Lopes (2011, p. 368), devido à temática íntima e/ou espontânea, “a carta pessoal pode facilitar na identificação de fatos linguísticos em processos de mudança”. A mesma pesquisadora ainda afirma que se, por um lado, a carta veicula a inovação e mudança linguística, por outro, preserva fórmulas fixas em que se perpetuam “tipos estáveis de enunciados”, caracterizando-a como gênero discursivo (SOTO, 2007).

A análise do *corpus* pautou-se em três categorias básicas de observação: os elementos composicionais, os elementos linguístico-discursivos e as tradições dis-

cursivas. Agrupamos as cartas de acordo com o subgênero, identificando nos textos os modos de dizer, ou seja, as estratégias linguístico-discursivas recorrentes, que podem se configurar, ou não, como TD e as estratégias que indicam o tipo de vínculo estabelecido entre os interlocutores dentre essas estratégias, investigaremos as formas de tratamento empregadas, de acordo com as relações estabelecidas entre os interlocutores.

Cartas de amigo

O rótulo “carta de amigo” agrupa correspondências entre membros da família ampliada, pessoas com algum grau de conhecimento (com distintos níveis de proximidade) etc. (SOUZA, 2012). Os escreventes dos subgêneros analisados são pessoas ilustres, com alto nível de escolaridade, como Joaquim Nabuco e Jarbas Pernambucano de Melo. Dentre os destinatários, encontram-se pessoas também ilustres e cultas, como Gilberto Freyre e Carlos Alberto de Menezes.

Os temas das cartas são bastante diversos. Os missivistas escrevem para dar notícias de viagem (Carta 1), relatar falta de tempo para atividades sociais (Carta 3), prestar condolências pela morte do filho do destinatário (Carta 4), dar e pedir notícias (Carta 5), apresentar um amigo para fins comerciais (Carta 6), parabenizar o destinatário por um poema publicado (Carta 7) e pedir informações acadêmicas (Carta 8). As relações entre os remetentes e os destinatários das correspondências apresentam certa proximidade, hora familiar (Gilberto Freyre e seu primo Jarbas Pernambucano), hora de amizade (Joaquim Nabuco e seu amigo Galvão). Há também cartas que fogem, um pouco, dos arquétipos de carta de amigo, como é o caso da Carta 2, na qual o remetente pede ajuda para uma situação empregatícia, e das cartas 3 e 4, escritas em verso. Algumas das correspondências podem se assemelhar mais a uma carta comercial, mas o grau de intimidade entre os interlocutores se estabelece, no texto, simetricamente, existindo uma relação de solidariedade entre os participantes da situação comunicativa (LOPES e GOMES, 2016).

No que diz respeito aos elementos composicionais das cartas, percebemos que a relação de solidariedade entre remetentes e destinatários começa a ser estabelecida a partir do vocativo, elemento que, juntamente com a captação de benevolência, no início do texto, revela a “afetividade e a proximidade respeitosa estabelecida entre os dois interlocutores” (LOPES e GOMES, 2016, p. 7). Em relação ao vocativo, são detectadas, no *corpus*, as ocorrências do nome do destinatário e de algum elemento de qualificação, indicador da relação estabelecida (Meu caro Dr. Velloso (Carta 1); Amigo Doutor Carlos Alberto (Carta 2); Arnaldo, meu grande amigo (Carta 3); Meu caro Arnaldo (Carta 4); Caro Gilberto (Carta 5); Meu caro Paranhos (Carta 6); Meu caro Colega Dr. Galvão (Carta 7);

Mestre amigo (Carta 8). Juntamente com o indicativo de data e local, a saudação já dá indícios, como se pode perceber, do tipo de relação que o interlocutor pretende firmar (LOPES, 2011), consolidando a amizade como fundamento para um pedido de informações, notícias ou favores. Na composição do vocativo, a recorrência do pronome possessivo de primeira pessoa “meu”, juntamente com adjetivos como “caro” e “grande”, além da explicitude do termo “amigo” configuram-se como um modo de dizer tradicional na abertura das cartas de amigo.

Em relação à captação de benevolência, notamos que esta forma fixa típica do gênero carta faz parte do contato inicial mantido com o interlocutor. Em algumas missivas analisadas pertencentes ao subgênero carta de amigo, a captação de benevolência foi dispensada, devido, provavelmente, à formalidade que permeia algumas relações de amizade que mantêm um certo distanciamento. Nessas cartas as relações nem sempre são guiadas pela afetividade, estando, de tal maneira, em situação de interação com uma diversidade de destinatários, muitos deles cultos (colegas de profissão ou pessoas que ocupam postos sociais elevados). Nesses casos, verificamos que as estratégias mais utilizadas foram a confirmação do recebimento de correspondências anteriores (Cartas 4, 7 e 8) ou justificativa pela demora a escrever (Carta 3), em substituição à captação de benevolência. Na Carta 2, o missivista abre mão de saudações e já inicia o assunto, passando do vocativo para o corpo do texto:

(Ex. 1) Meu caro Paranhos,

Quero ter o prazer de apresentar-lhel <o meu>2 amigo () 3 desembargador | Domingos Alves Ribeiro. É um dos meusl mais íntimos amigos, e devo essa amizade ao Dantas, e também, indireta-lmente, ao José Bonifácio. (Carta 2)

A Carta 2, por ser bem mais objetiva (porque se trata de um pedido), não apresenta captação de benevolência. Os escreventes das cartas 5 e 8, por apresentarem um grau de intimidade mais elevado com os destinatários (primos), estabelecem uma relação pautada na afetividade registrada na captação de benevolência no início do texto:

(Ex. 2) Um abraço você como você como vai passando | nós aqui vamos tudo bem.
(Carta 5)

(Ex. 3) Um abraço. Recebi ha dias a sua | carta. (Carta 8)

Percebemos que os escreventes das cartas 5 e 8 utilizaram uma TD recorrente nas despedidas das cartas, porém a empregaram no início dos respectivos textos. Nos exemplos citados, a TD “Um abraço” introduz o ato comunicativo, faz parte da abertura do texto, com função pragmática de captar a benevolência do interlocutor.

cutor, porém, quando situada no final da carta, encerra a comunicação, exercendo a função pragmática de uma despedida. De tal maneira, identificamos essa TD aqui utilizada não apenas como um simples enunciado, mas como uma ação linguística que relaciona o texto com uma situação real, e que também relaciona esse mesmo texto com outros da mesma tradição (KABATEK, 2006), no caso, com as outras cartas que compartilham da mesma TD de abertura e de fechamento.

Sendo assim, percebemos, nesse bloco de tradições discursivas situadas na abertura das missivas, identificadas de acordo com as palavras, expressões e saudações empregadas, as diferentes relações, de acordo com o nível de proximidade entre os interlocutores. O modo de dizer recorrente nas cartas de amigo “um abraço” denota afetividade e se configura como TD, que possibilita a repetição de uma estratégia discursiva tanto na abertura quanto no fechamento do texto, criando um elemento composicional recorrente na moldura deste subgênero. Essa escolha de palavras muito diz respeito ao objetivo da correspondência: se a intenção é ser mais direto, se há um objetivo específico urgente, se é apenas uma troca de notícias corriqueiras etc. Ao longo da tradição epistolar, sempre houve a preocupação em outorgar respeito aos papéis sociais do emissor e do receptor na seção de contato inicial e saudação (BAZERMAN, 2005, p. 9).

Passando para o interior da carta, conforme os estudos de Lopes (2011, p. 370), o corpo da carta é uma fração mais flexível em termos estruturais e temáticos. No núcleo, encontra-se “a razão pela qual se está escrevendo a carta”. O tema é um dos itens que apresentam maior fluidez na composição da carta, ou seja, os temas aparecem naturalmente, gerados pelo discurso prévio (BERENGUER, 1994). Desse modo, mantêm-se a forma, mas diversificam-se os temas. A pluralidade temática, juntamente com a espontaneidade são alguns dos fatores que compõem as condições comunicativas das tradições discursivas (OESTERREICHER, 2006, *apud* LONGHIN, 2014).

Também nas cartas pessoais é possível verificar a estabilidade relativa das formas textuais. As cartas 3 e 4, por exemplo, fogem do protótipo formal das missivas particulares de amigos. Elas são escritas em verso (provavelmente pelo mesmo autor, que teria assinado com nomes distintos), mas não abrem mão dos demais traços composicionais e tradições discursivas pertencentes ao subgênero. Ocorre, nessas cartas, o fenômeno denominado intergenericidade por Koch e Elias (2007, p. 114)⁸, que afirmam que “um gênero pode assumir a forma de outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação”. Pode ser percebido, no

⁸ Um estudo detalhado sobre a intergenericidade encontra-se no artigo publicado por CAVALLANTI, Carolina e GOMES, Valéria. O editorial no jornal *O Carapuceiro e a transposição para o ensino*. *Revista Encontros de Vista*, Edição Já./jun, 2013. Consultado em 10 de junho de 2015.

corpo dos respectivos textos, que as finalidades comunicativas e as relações estabelecidas estão delimitadas e que a função comunicativa da carta foi mantida:

(Ex. 4) Embora tendo sciencia, | Que tinhas intelligencia | é regular instrucção, | Eu ainda não sabia, | Que davas p'ra poesia, | Com tamanha perfeição. || No principio deste anno, | Na fazenda do teu mano, | com os teus me misturei; | Eu fui tão bem acolhido, | Que até fiquei comovido! | Jamais eu me esquecerei ...|| Pesquei, caçei, cavalguei, | Muitos moveis carreguei, | Fui copeiro dedicado, | Tive meu nome na imprensa, | Dei um baque na dispensa, | Mas voltei gordo e corado. || (fol. 2 v) Eu tenho ahi um amigo, | Que sem receio eu te digo, | Seja embora teu parente, | Por ter no peito uma rosa, | Ficou ancho, ficou prosa, | Até se esqueceu dagente. (Carta 3)

(Ex. 5) Ver um filho a dormir na ardente-sala
O somno eterno, ao coração sensível
Dos Paes é sobrehumano. Assim nos fala
A razão que com a dor é compatível.
Ao próprio coração, entanto, a calma
Retorna em breve, em face da certeza
De que não soffrerá jamais essa alma. (Carta 4)

De modo geral, as missivas analisadas apresentam núcleos com construções objetivas, nas quais se tornam nítidos os objetivos do escrevente, a intenção da ação comunicativa e as respostas esperadas dos destinatários. Os excertos a seguir demonstram essa objetividade:

(Ex. 6) Amanhã devo chegar ahí ás 9. 10 na estação da Baltimore andl Ohio R. R. Queria avisar o Mengoli e fazer guardar-me no hotel ol mesmo aposento que tive. || Faça me o favor de suspender a remessa de correspondencial para New York e de fazer retirar esses registados do Correio del modo que eu já os encontre no hotel. O Perdeneiras e o Chermantl me acompanham, vão sem a familia, como eu. (Carta 1)

(Ex. 7) “Quero ter o prazer de apresentar-lhel <o meu>2 amigo()3 dezembargadorl Domingos Alves Ribeiro. É um dos meusl mais íntimos amigos, e devo essa amizadel()4 ao Dantas, e também, indireta-l mente, ao José Bonifácio.” (Carta 7)

(Ex. 8) “Veja se há l meio de arranjar colaboração aí para l nossa revista. || Na sua casa vão todos bem. l outra coisa que papai lhe pede é que l você, caso não seja incômodo, saber se algum l laboratório americano de medicamentos se l interesse em nos vender ácido nicotínico l em substância.” (Carta 5)

As partes finais da carta, seção de despedida e assinatura, são estruturas mais estáveis e podem conter também trechos de captação da benevolência. A

seção de despedida das cartas agrupa, pelo menos, duas tradições discursivas: o emprego de orações imperativas, no campo linguístico, e as recomendações, no campo discursivo. Percebemos, nessa seção, uma grande quantidade de expressões que denotam afetividade e solidariedade, como se pode constatar a seguir:

(Ex. 9) Até amanhã. || Do seu affm (Carta 1)

(Ex. 10) “Espero suas ordens, caru a- | migo certo” (Carta 2)

(Ex. 11) “Um beijo muito apertado | E um grande abraço na testa.” (Carta 3)

(Ex. 12) “Um abraço emotivo para todos os teus. Para a tua querida | pessoa, a alma entristecida mas sempre amiga do teu (inint.) corde” (Carta 4)

(Ex. 13) “Para você meus abraços nossos e | agradecimentos.” (Carta 5)

(Ex. 14) “O resto (init.) | me dirão algum dia.>10 || Do seu sempre dedicado” (Carta 6)

(Ex. 14) “Cria-me seu Patricio e amigo” (Carta 7)

(Ex. 15) “Lembranças para as tias e você receba | um abraço do primo e amigo de sempre.” (Carta 8)

Foi possível observar, na seção de despedida, a presença de construções frasais com verbos no imperativo em três das cartas de amigo. De acordo com Silva (2013), nas cartas pessoais, o imperativo, historicamente, passou a perder seu sentido mais básico, relacionado à ordem, tomando, então, sentidos que fazem alusão à função pragmática de um pedido, uma solicitação, uma exortação, uma recomendação, um desejo etc. Silva (2013, p. 18) comenta que:

Assim, o imperativo poderia ser entendido como uma construção que originalmente denotava ordem e, com a extensão de significado e a ampliação do seu uso mediante a criatividade do falante se expandiu e passou a atuar em novos contextos.

Devido ao fato de os interlocutores possuírem certo grau de intimidade, pretendem estabelecer ou afirmar a amizade através dos modos de dizer. Apesar da objetividade notada como típica ao subgênero carta de amigo, os escreventes das cartas 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 utilizaram estratégias que revelam proximidade comunicativa, guiada pelo nível de intimidade. Boa parte dessas relações foi estabelecida nas supracitadas seções de abertura e fechamento das missivas, que deixam transparecer “o grau de emocionalidade, que inclui a emocionalidade dirigida a parceiros da comunicação (afetividade) ou a objetos (expressividade)” (COSTA, 2012, p. 159).

Considerando a dinamicidade e a convencionalidade inscritas nas práticas do gênero carta pessoal (SILVA, 2002), verificamos também a questão do sujeito linguisticamente marcado nos textos em questão. Souza (2012, p. 91) argumenta que a referência ao remetente pode ser feita de várias formas e chama atenção para as formas de tratamento pronominais na segunda pessoa (*tu* e *você*). A mesma autora

comenta que a forma *tu* passou a ser suplantada pelo pronome *você* a partir da década de 1930. Portanto, o momento histórico em que as cartas estão inseridas faz parte de um período de transição das formas de tratamento empregadas no Rio de Janeiro, local onde foram coletadas as cartas analisadas pela autora. A proximidade comunicativa percebida nas cartas pessoais faz com que esse gênero dê um testemunho preliminar e panorâmico dessa transição das formas de tratamento também no contexto de Pernambuco, uma vez que essa mistura de tratamentos já tem registro em anos anteriores à primeira metade do século XX⁹.

Nas cartas de amigo analisadas, é maior a ocorrência da forma de tratamento marcada pelo pronome *você*, a exemplo das cartas de Joaquim Nabuco, que datam do início do século XX (1903-1905). Apenas duas cartas de amigo (cartas 3 e 4) apresentam o pronome *tu* como forma de tratamento. Isso se deve, provavelmente, ao grau de proximidade entre os interlocutores e ao fato de as cartas serem escritas em verso, o que leva o escrevente a buscar uma padronização na forma de tratamento adotada do início ao fim. De acordo com Lopes e Gomes (2016, p. 11), a forma *você* apresentava, nessa época, um comportamento híbrido, podendo representar mais intimidade (como no tratamento dos primos Jarbas Pernambucano de Melo e Gilberto Freyre) ou mais formalidade (como na relação de negócios entre Paranhos e Joaquim Nabuco).

Em síntese, é possível perceber, nesse subgrupo, a ocorrência de tradições discursivas e formas cristalizadas oriundas da tradição epistolar, principalmente no início e no fim das cartas. Com base na finalidade comunicativa, nos temas abordados e nas relações estabelecidas entre as pessoas do discurso, é possível identificar traços específicos desse subgênero, que o difere dos demais. Nas cartas de amigo, tornaram-se notórias as finalidades comunicativas, que juntamente com as condições de produção determinam o que e como dizer, produzindo, então, sentido (LONGHIN, 2014).

Cartas de família

As missivas de família compreendem os anos de 1905 a 1941. Seus escreventes são pessoas ilustres com alto nível de escolaridade (ou seus familiares não ilustres, como a filha de Arthur Orlando). Os conteúdos das cartas são diversos, mas todos têm a ver com a transmissão de informações sobre o cotidiano dos escreventes, ou pedido de favores e/ou recados e recomendações aos demais familiares. As relações estabelecidas nas cartas são variadas, pois podem ser pautadas

⁹ Estudos voltados especificamente para a questão das formas de tratamento em Pernambuco, a exemplo de Lopes e Gomes (2016), apresentam dados mais detalhados.

no respeito de um filho para com um pai (uma relação assimétrica ascendente), na hierarquia existente do pai para o filho (uma relação assimétrica descendente) ou no companheirismo e intimidade entre irmãs (uma relação simétrica).

Em relação à assimetria presente nas correspondências entre pai/mãe e filho/filha e vice-versa, Lopes e Gomes (2016), pautam-se na dicotomia “poder e solidariedade” proposta inicialmente por Brown e Gilman (1960), na abordagem de três tipos básicos de relações familiares e de amizade:

- 1) Relações assimétricas descendentes (de superior para inferior): pai-filho, mãe-filho.
- 2) Relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior): filho-pai, filho-mãe.
- 3) Relações simétricas (solidárias): entre amigos, entre namorados e cônjuges.

As relações de poder e solidariedade necessitam de formas de tratamento adequadas à hierarquia, ou não, estabelecida entre os interlocutores (LOPES e GOMES, 2016). As escolhas linguístico-discursivas dos escreventes podem, dessa maneira, ser controladas pelo grau de parentesco e funções sociais dos interlocutores das oito cartas de família, em cinco são estabelecidas relações assimétricas ascendentes (de filhos para mães); em duas cartas são estabelecidas relações assimétricas descendentes (de pais para filhos); e em apenas uma carta a relação é simétrica (carta entre irmãs).

De tal forma, essa relação de proximidade respeitosa, no corpo da carta, é caracterizada, também, pelo pronome pessoal empregado. O pronome *você*, na posição de sujeito, de acordo com estudos de Souza e Oliveira (2013) em cartas pessoais cariocas dos séculos XIX e XX, indica intimidade e, ao mesmo tempo respeito. No *corpus* atual, notamos o pronome *você*, como sujeito na correspondência de Breno Braga (Carta 9) à sua mãe (relação assimétrica ascendente). Na mesma carta, encontramos o paradigma do pronome *tu* na posição de possessivo (*teu*), o que pode sinalizar uma instabilidade, ou mistura em diferentes contextos morfossintáticos em relação aos paradigmas de *tu-você*, revelando a norma linguística da época, como também sinaliza uma forma tradicional de dizer, cujo emprego do possessivo do paradigma do *tu* desempenha uma função pragmática mais forte para a construção da captação da benevolência:

(Ex. 33) Abençoe este **teu** filho que muito a quer bem. || Recebi sua carta e a do China do dia 8 juntamente com l os jornais os quais muito agradeço. || Fiquei mais tranquilo por saber que voce já sarou. (Carta 9)

Nas cartas de família analisadas, foi maior a ocorrência do pronome *você* e dos pronomes do mesmo paradigma. Segundo Souza (2012), a escolha de uma dessas duas formas de tratamento (*tu* ou *você*) está ligada a “valores sócio-prag-

máticos dessas formas em cada momento de sua evolução e à intenção do falante/remetente e do alvo/destinatário” como exemplo disso, o missivista Mário Sette escreve à sua mãe (Carta 10) usando o pronome *tu*. O mesmo autor escreve a seu filho usando a forma de tratamento na segunda pessoa *você* (Carta 11). Além dos tipos de relação de poder serem diferentes, é importante salientar que o espaço temporal entre a produção das duas mencionadas cartas (1905 e 1933, respectivamente), compreende um período no qual a forma pronominal *você* passou a ser mais difundida e a disputar com o *tu* os espaços de mais proximidade.

No eixo dos elementos composicionais, assim como nas cartas de amigo, as cartas de família trazem, no vocativo, indicativos de manutenção da relação de afetividade. Termos como “querida mamãe”, “filho querido” e “minha adorada mamãe” (cartas 11, 15 e 16, respectivamente) são recorrentes nas missivas. Essas formas de dizer com função de vocativo apresentam uma forte carga de emocionalidade, recorrente e tradicional na abertura deste subgênero.

Na captação de benevolência, também na abertura do texto, é percebida a permanência da afetividade por meio das demonstrações de afeto manifesto nos beijos, saudades e bênçãos; por meio do pronome possessivo na expressão “teu filho”; por meio do emprego de diminutivos como “cartinha”. Esse é um traço recorrente, mesmo podendo haver certa distância motivada pelo respeito (sobretudo nas relações assimétricas ascendentes):

(Ex. 16) Abençoe este teu filho que muito a quer bem. (Carta 9)

(Ex. 17) Abençoe a mim e a Maria Laura. (Carta 10)

(Ex. 18) Beijos, Saudades e bênçãos nossas. (Carta 11)

(Ex. 19) Que você e as menina(s) | e o Dr. Orlando esteja(m)| com saúde sincerame(n)-lte desejo. (Carta 12)

(Ex. 20) Aqui em Goianna recebi hontem | sua cartinha que me deu muito | praser. (Carta 14)

(Ex. 21) Recebi sua cartinha, no dia 31 não | pode imaginar com que anciedade es-(ilegível) dos toques carinhosos (ilegível) irmãos. (Carta 15)

As cartas 13 e 16 apresentam a captação de benevolência no fechamento dos textos, enquanto as cartas 8, 9, 10, 13, 14 e 15 apresentam captações de benevolência tanto na abertura quanto no fechamento do texto. De acordo com Souza e Gastaud (2012), a captação de benevolência é um elemento através do qual o escrevente apresenta seus sentimentos ou condição (humildade, generosidade, dependência etc.) em relação ao destinatário. Portanto, os missivistas dessas cartas de família, ao captarem a benevolência dos interlocutores, em distintas passagens do texto, buscam estabelecer um compromisso afetivo.

Nos núcleos das cartas, a temática predominante é o envio e a solicitação de informações cotidianas. Os escreventes são membros da família nuclear que estão distantes por razões diversas e necessitam dar e receber informações de suas respectivas famílias e/ou cidades, além dos pedidos de favor constantes nas cartas. Em relação aos temas centrais de cada missiva, a Carta 9 trata da saudade da mãe, demonstração de afeto e felicitação ao irmão; a Carta 10 relata desentendimentos e reconciliações familiares; a carta 11 traz notícias do cotidiano e algumas solicitações; a Carta 12 envia saudações à família da destinatária e pede informações sobre documentos; na Carta 13, a missivista relata seu estado de saúde e fala um pouco sobre sua filha pequena; a Carta 14 contém informações sobre a cidade pernambucana de Goiana; o relato de uma viagem à Curitiba é o objetivo da carta 15; e o escrevente da Carta 16 questiona sua mãe sobre o não envio de notícias da família.

Ainda no que diz respeito aos temas, notamos nessas cartas a subjetividade e o envolvimento do escrevente com o tema e com o interlocutor, marcada fortemente pelos conhecimentos partilhados. Essa partilha de conhecimentos é um traço marcante nas relações estabelecidas entre pais e filhos ou entre irmãos, evidenciada pela necessidade de informações sobre as situações cotidianas comuns a eles. Também neste subgênero o corpo da carta destina-se à diversidade temática.

A seção de fechamento das cartas (saudação e despedida) estreita ainda mais os laços de afetividade estabelecidos inicialmente. A assinatura, assim como o vocativo no início da correspondência, dá indícios da relação mantida entre os interlocutores. O emprego do artigo definido “o filho muito amigo”, os diminutivos “beijinhos” e “filhinhos”, os apelidos, a exemplo de “Biluca”, revelam o grau de contato entre os participantes e a situação comunicativa de proximidade:

(Ex. 22) Abraço do Brenno (Carta 9)

(Ex. 23) Abraça-te o || filho muito amigo Mario Sette. (Carta 10)

(Ex. 24) Pae amigo, || Mario. (Carta 11)

(Ex. 25) 1 abraço saudoso el as menninas a | mana. || Elvira. (Carta 12)

(Ex. 26) Os beijinhos de (inint.) para | todos vocês || Biluca (Carta 13)

(Ex. 27) de Pai e amigo || M. Borba. (Carta 14)

(Ex. 28) um abraço do filhinho || Waldemar. (Carta 15)

(Ex. 29) Receba feliz abraço do filho | querido || Waldemar (Carta 16)

Olhando essas ocorrências na composição da carta de família, sob a ótica das tradições discursivas, verificamos – além das recomendações e construções oracionais no imperativo, também presentes nas cartas de amigo – outras características repetidas historicamente e que evocam a situação de fechamento das

cartas de família. No eixo linguístico-discursivo, as expressões que denotam o tom saudoso empregado nas despedidas (Carta 12); o uso de algum adjetivo qualificativo (Carta 10), o emprego do artigo definido como determinante na identificação do escrevente (Cartas 10 e 15: o filho; do filhinho) e uso do diminutivo (Carta 15) na saudação e/ou na despedida.

Tais elementos se configuram como TD nas cartas de família mediante a repetição desses traços, que se tornaram historicamente caracterizadores do subgênero, considerando as condições de produção dos textos. Verificamos, portanto, que a presença dessas TDs nas cartas auxilia a constituição do estilo do subgênero. Em síntese, segundo Longhin (2014, p. 37), as distintas escolhas linguísticas refletem, em sua maioria, diferenças nos propósitos comunicativos e em outras condições de produção dos textos. Por essa razão, algumas ocorrências linguísticas são próprias da natureza do gênero historicamente dada, e não necessariamente da norma de uso vigente.

Em conformidade com o que foi analisado nas cartas de família, é possível perceber que as escolhas pragmáticas realizadas, bem como as diferentes TDs encontradas nesse subgênero justificam-se pela finalidade comunicativa pretendida e pela natureza do gênero em suas condições de produção. As relações mantidas nas cartas, ora simétrica, ora assimétrica (ascendente ou descendente) refletem respeito e proximidade entre interlocutores. A predominância do *você* como forma de tratamento, neste recorte, pode tanto pressupor respeito, como pressupor maior intimidade, caracterizando o hibridismo dessa forma de tratamento, uma vez que diversas são as relações e funções sociais que este subgênero da carta pessoal pode assumir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas pessoais, de um modo geral, revelam a relação de proximidade entre os interlocutores manifesta por meio dos recursos linguístico-discursivos utilizados. O agenciamento dos recursos linguísticos – seleção lexical, estruturação sintática –, a disposição de algumas informações, a escolha de estratégias de polidez ou interativas traduzem a singularidade e a individualidade do escrevente (SILVA, 2002, p. 157), além de evidenciar a relação estabelecida, conforme o subgênero da missiva.

Nas cartas de amigo, observamos que os fatores formais, linguístico-discursivos e as Tradições Discursivas (TD) apresentam especificidades em relação à carta de família. Há traços semelhantes e distintos verificados por meio das categorias de análise estabelecidas. Com essa análise, identificamos os elementos constitutivos específicos de dois subgêneros relativamente estáveis a depender da finalidade comunicativa e das condições de produção.

As cartas de família em relação às cartas de amigo apresentam marcas que expressam maior afetividade e intimidade entre os interlocutores. As tradições discursivas encontradas nos vocativo e despedidas deixam claros traços recorrentes nos dois subgêneros. Percebemos também que as formas de tratamento (no caso, o paradigma do *você*) podem tanto estar relacionadas com um tratamento respeitoso, como podem caracterizar um contato mais íntimo, devido ao hibridismo do *você*. A figura feminina se fez mais presente nas cartas de família, constituindo a maior parte dos escreventes/receptores.

Acreditamos, portanto, que a caracterização dos subgêneros da carta pessoal auxilia, também, o estudo de textos escritos na atualidade.com o advento dos gêneros digitais e de novas formas de comunicação, surge a questão: o que foi mantido e que mudou em relação às tradições discursivas passadas? Consideramos, para isso, que os gêneros passam por processos de adaptação (PESSOA, 2002) que os modificam e originam outros gêneros que correspondem aos mesmos propósitos comunicativos ou a novos propósitos. Nessa dualidade entre a historicidade da língua e do texto, a abordagem pelo viés da Tradição Discursiva ainda é pouco explorada, esperamos que investigações vindouras sejam motivadas pelos passos aqui dados. Limitamo-nos, neste capítulo, ao enfoque dos fatores composicionais, linguístico-discursivos e as Tradições Discursivas (TD) que constituem a carta pessoal. Nesse sentido, muito ainda há por fazer nessa contínua e prazerosa reflexão sobre as múltiplas formas de uso da linguagem e de interação, seja em sincronia presente ou passada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BELTRÁN ALMERÍA, Luís. Las estéticas de los géneros epistolares. *Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*, v. X (Año 1996), p. 239-246.
- BERENGUER, Josefa Antonia. *Estrategias del discurso conversacional: algunos casos de relato coloquial en catalán y español*. Universidad Nacional de San Juan: San Juan, 1994.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. *Style in Language*. Massachusetts: MIT Press, 1960, p. 253-276.
- CAVALCANTI, Carolina; GOMES, Valéria S. O editorial no jornal O Carapuceiro e a transposição para o ensino. In: *Revista Encontros de Vista*, Edição jan.-jul., 2013. Consultado em 10 de junho de 2015.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.

COSTA, Alessandra Castilho da. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. *Projeto história do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

GOMES, Valéria S. *Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos da forma ao sentido*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GOMES, Valéria S.; LOPES, Célia R. dos Santos. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 24, p. 137, 2016.

GUEDES, Marymarcia; BERLINK, Rosane de A. (ed.). *E os preços eram commodos* – anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

GUILLÉN, Claudio. *Al borde de la literariedad: literatura y epistolaridad*. Tropelías, 1991.

KABATEK, Johannes. *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico*. Fundación Duques de Soria. Seminário de História da Língua Espanhola “El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas”. Soria, Del 7 a 11 de Julio de 2003.

_____. Tradições discursivas e mudança linguística. In: Lobo, T; Ribeiro, I.; Carneiro, Z.; Almeida, N. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador, EDUFBA, t. II, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen status und ihrer Dynamik. In: Barbara Frank/Thomas Haye/Doris Tophinke (Hrsg.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr 1997 (Script Oralia, 99), 1997, 43-79. (Tradução da Professora Doutora Alessandra Castilho da Costa – UFRN)

_____. *Urkunde, brief und öffentliche rede*. Eine diskurstraditionelle Filiation im Medienwechsel, *Das Mittelalter* 3, 1998, 13-44.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Language. In: _____. *Lengua hablada en la romanía*: español, francés, italiano. Madrid; editorial gredos, 2006, p. 20-42.

LONGHIN, Sanderleia Roberta. *Tradições discursivas*: conceito, história e aquisição. São Paulo, 2014.

LOPES, Célia Regina dos S. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento: definindo perfis comportamentais no início do século XX em cartas do RJ. *Revista Alfa*, São Paulo, 55 (2):361-392, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 17-31.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.

MELO, Niceia Maria de figueiredo Souza; BRITO, Eneida Moreira de. O Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle como espaço formativo de múltiplas linguagens – particularidades de um hipergênero. In: II Seminário de Estudos de Linguagem e Educação, 2011, Vitória da Conquista. *Anais do II Seled* – Seminário de estudos em linguagem e educação. Vitória da Conquista, 2011, p. 111-125.

OESTERREICHER, Wulf. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: Zur Fundierung von Diskurstraditionen”. In: Frank, Barbara/Haye, Thomas/Tophinke, Doris (Hg.): *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr (= ScriptOralia, 99), 1997, 19-41.

PESSOA, Marlos de Barros da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah et al. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Notícias de corpora e outros estudos – v. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, 197-205.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? *Revista Estudos Linguísticos – GEL*, Edição set.-dez., 2009. Consultado em 12/05/2015.

RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

SCHILIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da linguística*. Tradução de Fernando Tarallo et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

SILVA, Érica Nascimento. Uma análise sociofuncionalista do imperativo relacionado ao subjuntivo e indicativo em cartas amorosas de 1930. *Revista Semioses*, jan.-jun., 2013. Acesso em: 30/05/2015.

SILVA, Jane Q. G. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 2002. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOTO, Eva Lecy Miranda Sá. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Editora da UFF, 2007.

SOUZA, Camila Duarte de; OLIVEIRA, Thiago L. de. A representação da segunda pessoa nas posições de complemento: o papel da categoria social. *Work. Pap. linguíst*, 13 (2):100-120, Florianópolis, abr./jul., 2013.

SOUZA, Cristiële Santos de; GASTAUD, Carla Rodrigues. A escrita epistolar de Dom Joaquim e os tratados de epistolografia da *Ars dictaminis*: permanências e rupturas. In: *XI Encontro Nacional de História*. Universidade Federal do Rio Grande – Rio Grande, 23 a 27 de julho de 2012.

SOUZA, Janaína Pedreira Fernandes de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

